

Um olhar além do visível da segurança hídrica (1)

Ian Thompson

Bacias hidrográficas saudáveis são fundamentais para garantir o uso sustentável da água

Quando se fala em segurança hídrica no Brasil, os olhares geralmente se voltam para a situação dos principais reservatórios, o ciclo hidrológico e as obras de infraestrutura para abastecimento e esgotamento sanitário. Tudo isso é importante e ninguém discute, mas se aprendemos algo com as recentes crises hídricas é que isso é apenas a ponta do iceberg e ações pontuais não resolvem o problema. Neste dia Mundial da Água, celebrado amanhã, 22 de março, convido vocês a um olhar para além dos canos e tubulações, chegando até a resiliência das bacias hidrográficas.

São vários os fatores que impactam diretamente a segurança hídrica, entre eles, o uso do solo. O estudo da ONU “Soluções baseadas na natureza para a gestão da água”, de 2018, demonstra que desmatamento e pastos mal manejados são fatores que podem reduzir a capacidade de infiltração das águas das chuvas. Conseqüentemente, o volume de água armazenado no solo e nos aquíferos, chamado de “reservatório invisível”, diminui, o que, por sua vez, dificulta a recarga do estoque de água subterrânea e a manutenção do nível dos reservatórios.

Uma análise inédita feita pela The Nature Conservancy (TNC) Brasil com dados das bacias hidrográficas do Sistema Interligado Nacional (SIN) nas regiões Sudeste e Centro-Oeste indica como a perda da cobertura vegetal natural pode contribuir com a escassez hídrica. Até 1988, as áreas dessas bacias haviam perdido 69% da sua vegetação natural. De 1998 a 2017, outros 22.900 km² foram suprimidos, o que equivale a 15 vezes o tamanho da cidade de São Paulo. A supressão da vegetação e a diminuição nas águas subterrâneas, observadas em algumas bacias e poços de monitoramento das regiões Sudeste e Centro-Oeste, apontam que o desmatamento comprometeu os processos de infiltração contribuindo para uma queda da vazão hídrica.

Fortalecer as soluções baseadas na natureza ajuda a recuperar a saúde das bacias hidrográficas

Somam-se a isso os reflexos das mudanças do clima, que causam eventos adversos como ondas de calor, tempestades, secas e inundações, e impactam negativamente ecossistemas, biodiversidade e sociedade. O segundo volume do Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC) é categórico ao afirmar que a saúde, a vida e os meios de subsistência das pessoas, bem como a propriedade e a infraestrutura crítica, incluindo sistemas de energia e transporte, estão sendo cada vez mais adversamente afetados por riscos de desastres naturais relacionados à água. Ainda, o aumento do consumo de água, poluição, ineficiência de distribuição e perdas por vazamentos contribuem para que a demanda se aproxime ou até mesmo supere em alguns casos a capacidade de oferta, aumentando o risco hídrico.

É preciso ampliar a visão e entender que a sustentabilidade dos múltiplos usos, como abastecimento humano, dessedentação animal, irrigação e produção agropecuária, indústria, transporte e geração de energia, entre outros, requer ações que impactam os diferentes componentes do sistema e que extrapolam as divisas estaduais, beneficiando a todos.

É preciso, assim, compreender essa dinâmica de forma sistêmica, com suas diferentes interconexões, como, por exemplo, o desmatamento que ocorre na Amazônia e que pode

afetar o regime de chuvas e umidade em outras regiões do Brasil. Isso ocorre porque o desmatamento diminui a capacidade da floresta de devolver água para a atmosfera por meio da evapotranspiração, o que enfraquece a formação dos chamados rios voadores, massas de ar carregadas de vapor de água que levam chuvas para outras regiões.

Além disso, é imperativo reconhecermos a importância estratégica da recuperação das bacias hidrográficas para que não fiquemos exclusivamente dependentes dos regimes de chuva, como os que impactaram os reservatórios de produção hidrelétrica nos últimos dois anos.

Bacias hidrográficas recobertas por florestas apresentam melhores condições de infiltração da chuva, contribuindo para a recarga de aquíferos, o aprimoramento da qualidade da água e a garantia da continuidade de vazão hídrica no período de estiagem e regulação na época das cheias. Fortalecer as Soluções Baseadas na Natureza, inspiradas em práticas sustentáveis de restauração e conservação florestal e manejo correto do solo, ajuda a recuperar a saúde das bacias hidrográficas.

É dentro dessa visão mais sistêmica que nasce a nova fase da Coalizão pelas Águas, que, entre outras estratégias, usa os serviços da natureza na gestão hídrica, engajando o setor público e as empresas na conservação, recuperação e governança de bacias hidrográficas. O objetivo é ampliar a escala e o impacto da recuperação das bacias em regiões do Cerrado, Mata Atlântica e Amazônia, combinando segurança hídrica e alimentar, uma vez que bacias hidrográficas saudáveis e resilientes às mudanças climáticas, com as suas funções ecológicas prioritárias mantidas ou recuperadas, são fundamentais para garantir os usos múltiplos da água de maneira sustentável. Além de fomentar a equidade social no direito ao acesso à água de boa qualidade.

Os resultados da primeira fase foram promissores. Entre 2015 e 2021, a Coalizão pelas Águas possibilitou a restauração, conservação e implementação de boas práticas agrícolas em 124 mil hectares (o equivalente à área da cidade do Rio de Janeiro); e a alavancagem de mais de R\$ 240 milhões de reais, incluindo o investimento de mais de R\$ 20 milhões de reais em pagamento por serviços ambientais para proprietários rurais.

Sabemos que para consolidar os resultados e avançar no ganho de escala é preciso ir além e promover mudanças estruturantes. O maior engajamento do setor público, privado e sociedade civil, com o olhar para além do visível, criará condições favoráveis para a implementação de soluções baseadas na natureza, conservando e recuperando florestas e buscando equilibrar algo que, nos dias de hoje, é irregular: a oferta e a demanda da água.

Ian Thompson é engenheiro florestal e diretor-executivo da organização ambiental The Nature Conservancy (TNC) Brasil.

(1) Artigo publicado no portal Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/coluna/um-olhar-alem-do-visivel-da-seguranca-hidrica.ghtml>. Acesso em 21 de março de 2022.